

Os metodistas no Brasil (1889-1930)

Duncan A. Reily

Durante todo o período da Primeira República, o Metodismo brasileiro era uma parte da obra missionária da Igreja Metodista Episcopal, Sul, sediada no Sul dos Estados Unidos (1). Ou, em palavras mais diretas, o metodismo brasileiro era uma missão, pois só alcançou a sua autonomia em 02 de setembro de 1930. Portanto, é inevitável que se leve em conta a obra dos missionários, dos quais, aliás, nos vêm a maioria dos dados que são a matéria prima da história metodista da época.

Em 1889, o Metodismo já possuía uma estrutura básica em que firmar a sua obra, porquanto o Bispo John C. Granbery, autorizado pela Conferência Geral, havia constituído a Conferência Anual Brasileira da IMES, em setembro de 1886 (2). As estatísticas da Conferência Anual de julho de 1889 acusaram 359 membros da Igreja Metodista, dez Escolas Dominicais com 283 arrolados, nove missionários (as esposas destes não foram computadas, embora em geral estas constituíam dedicadas obreiras), e cinco "pregadores nativos" com nomeação. As paróquias, agrupadas nos Distritos de Rio de Janeiro e São Paulo, se encontravam concentradas principalmente nos centros de Rio de Janeiro e Juiz de Fora (MG), São Paulo e Piracicaba, com colégios em Piracicaba e Juiz de Fora.(3). Já se publicava, desde há alguns anos, um órgão oficial, o *Expositor Cristão*, bem como um periódico intitulado *A Nossa Gente Pequena e lições para a Escola Dominical*.

(1) Doravante será representada pela sigla IMES.

(2) "Conferência Anual", na antiga nomenclatura, corresponde a "Conclio Regional" na atual. Tendo como membros apenas os Reverendos J.L. Kennedy, J.W. Tarboux e H.C. Tucker, foi a menor "conferência anual" em toda a história do metodismo mundial.

(3) Estas estatísticas, tomadas do *Annual Report of the Board of Missions of the Methodist Episcopal Church, South*, 1890, pág. 48-52, situam bem a missão quando nasceu a República. Estes relatórios, doravante indicados por AR, ano tal, constituem uma das mais ricas fontes da história do Metodismo Brasileiro. Convém ressaltar que a obra metodista no Brasil nasceu do esforço pioneiro do Rev. Junius Eastham Newman, ministro da IMES (portanto da parte sulista dos Estados Unidos da América. Newman imigrou, com algumas centenas de outros

A intenção do presente capítulo, porém não é relatar uma "história missionária", senão a história do povo metodista ou, para empregar uma expressão predileta de João Wesley, fundador do Metodismo, "o povo chamado metodista." Como chegar a uma história do metodismo da primeira República, do ponto de vista do povo? Afinal, quem é este povo que se tenta descrever e cuja voz se tenta escutar? Os relatórios de Conferências (ou Concílios), as estatísticas, as histórias convencionais pouco se interessam diretamente com esta espécie de informação. A tentativa será, no entanto, penetrar um pouco mais profundamente para surpreender "o povo chamado metodista."

1 – "TERRITÓRIO METODISTA"

A missão metodista no Brasil acima descrita, formada por missionários da IMES, pode ser visualizada por uma figura geométrica, o trapézio, formado por São Paulo, Rio de Janeiro, Juiz de Fora (MG) e Piracicaba (SP). Em 1889, as cidades representando os quatro cantos do trapézio eram as principais cidades onde operava o metodismo, e os estados onde elas se localizavam eram os mais importantes da sua missão. Antes do fim do período, ele já atingira também o sul do Estado de Espírito Santo e, naturalmente, já ocupara grande parte das principais cidades nos estados acima referidos.

Enquanto a obra da IMES se fixava no Brasil, dois esforços, não coordenados, do outro ramo principal do metodismo norte-americano, a Igreja Metodista Episcopal (4) (popularmente chamada a Igreja Metodista Nortista) se faziam nas extremidades norte e sul do país. O primeiro foi liderado por João Corrêa, brasileiro, o qual se filiou à IME em Montevideo. Veio em 1885, acompanhado da jovem professora Carmen Chaccon, a Porto Alegre, (RS), onde fundaram uma Igreja e uma Escola, sendo esta a semente do Colégio Americano de Porto Alegre, o atual Instituto Metodista de Educação

sulistas, logo após a derrota do Sul na Guerra Civil (1861-65). Newman fundou uma igreja entre imigrantes norte-americanos nas imediações de Santa Bárbara do Oeste, SP., em agosto de 1871. Após repetidos apelos do pioneiro, a IMES enviou seu primeiro missionário oficial, John James Ransom, em 1876, o qual fundou uma igreja na "Corte" em 1879, sendo o ex-padre Antonio Teixeira de Albuquerque e sua esposa, dona Senhorinha, os primeiros membros brasileiros. (Albuquerque fora evangelizado por congregacionais, casado por um missionário presbiteriano, membro da Igreja Metodista; depois de tudo isso, aderiu à Igreja Batista e colaborou na fundação do trabalho batista na Bahia e outras partes do Nordeste.)

(4) Doravante, será designada pela sigla IME.

e Cultura (5). O trabalho no Rio Grande do Sul desenvolveu-se normalmente como uma extensão da missão da IME, em Montevideo, cujo superintendente então era o Rev. Thomas B. Wood. A esta altura da pesquisa, é impossível avaliar a importância das origens desse setor da Igreja Metodista (atual segunda Região Eclesiástica), mas é evidente que há peculiaridades da Região.

Um pouco antes do trabalho metodista no Rio Grande do Sul, o Rev. William Taylor, fundador de missões metodistas de sustento próprio em três continentes, estabelecia missões metodistas e deixava missionários em diversos dos principais portos do Norte e Nordeste do Brasil. Os mais conhecidos provavelmente são Benjamin Ninde, o qual trabalhou por dez anos no Recife (1882-1892) e Justus H. Nelson, que labutou de 1880 a 1925 em Belém, Manaus e Santarém. O trabalho de Nelson, o qual nunca logrou grandes resultados numéricos e nem recebeu o apoio que merecia da Junta de Missões, também não chegou a ser anexado ao trabalho da IMES. Quando Nelson deixou seu trabalho após 45 anos, os membros da sua igreja eventualmente se filiaram a Igrejas Batista, Presbiteriana e outras. O "saldo positivo" mais evidente do trabalho metodista no Norte são os hinos que Ninde e Nelson traduziram, diversos dos quais foram incorporados, por exemplo, no *Hinário Evangélico* (6).

O território metodista em 1889, portanto, compreendia o trapézio São Paulo-Rio-Juiz de Fora-Piracicaba como seu núcleo principal, mas incorporaria o trabalho da IME no Rio Grande do Sul, enquanto elementos metodistas como Nelson trabalhavam quase que isoladamente no Norte do país.

No entanto, a intencionalidade e a visão dos missionários eram bem mais abrangentes. A secção sobre o Brasil, nos *Annual Reports* da Junta Missionária (via de regra de autoria de missionários norte-americanos), geralmente trazia informes sobre o Brasil em geral – sua geografia, seus recursos naturais, sua economia, suas religiões – além de informações específicas e detalhadas sobre a missão metodista no Brasil. Tudo indica uma visão geral do país e um desejo de alcançar o seu todo com o Evangelho como entendido e praticado pelos metodistas. Mas entre esta visão e a realidade havia um enorme abismo.

(5) A história desta obra está contada detalhadamente nos livros João do Prado Flores, *Seu Maior Amor*, (São Paulo, Colégio Americano, 1955), e Daniel P. Monti, *Así Brille Vuestra Luz*, (Buenos Aires, La Aurora, 1957).

(6) No "Índice das iniciais dos autores..." encontram-se GBN (George Benjamin Nind) e JHN (Justus Henry Nelson) e os números dos hinos por eles traduzidos.

Mesmo em 1930, o padrão original estava ainda evidente, pois o Metodismo ainda se encontrava concentrado no Distrito Federal e nos estados do Rio de Janeiro, Minas Gerais e São Paulo, tendo avançado também até o sul do Estado do Espírito Santo. Desde 1900 o território da IMES abrangia também o Rio Grande do Sul, pois naquele ano a IME lhe havia cedido o seu trabalho no estado gaúcho. Entre Rio Grande do Sul e São Paulo havia os estados de Santa Catarina e Paraná, onde o metodismo não atuava.

Em conclusão, pode ser dito que o metodismo brasileiro da Primeira República fora, basicamente, trazido do Sul dos Estados Unidos, sendo a IMES o núcleo principal dessa Igreja no Brasil. Pois o trabalho da IME no Rio Grande do Sul era ainda muito pequeno quando cedido à IMES e, após a cessão em 1900, constituía um pequeno distrito eclesiástico, composto de quatro igrejas organizadas com 151 membros (7); depois da cessão, a IMES assumiu a responsabilidade do trabalho riograndense, suprimindo-o de obreiros, inclusive missionários. Também o seu território no Brasil, com a importante exceção da obra de Justus Nelson e seus companheiros no Norte e Nordeste, foi restringido ao Sul do País. Devido à grande distância entre Rio de Janeiro e Belém do Pará, o trabalho de Justus Nelson nunca se integrou ao Sul, vindo a se desintegrar após a retirada do velho Nelson em 1925.

Antes de passar para o tópico seguinte, deve ser notado que o metodismo fazia, no fim do período em apreço, tímidos esforços missionários "nacionais" pois desde 1929, a participação dos metodistas na Missão dos Índios Caiuá, nas cercanias de Dourados (MT), se efetivara na pessoa de Nelson Araujo, formado pelo Granbery e em medicina pela Universidade Federal. Além disso, no ano de 1930, o metodismo brasileiro enviara para a Ilha da Madeira o Rev. Antônio P. Rolim, onde a IMES havia confiado seu antigo trabalho nas mãos dos metodistas brasileiros.

2 – O POVO ATINGIDO

A intenção da missão metodista, contrária a dos trabalhos de capelania (como, por exemplo, o trabalho anglicano) e de imigração (como o luterano) era atingir a população "nativa". É verdade, como indicado acima, que Junius E. Newman havia iniciado seu trabalho

(7) Informação de AR, 1901, pág. 68.

entre os chamados "rebeldes", ou seja, os sulistas, que emigraram para o Brasil após a Guerra Civil (entre outras razões, atraídos pelo fato de que ainda se podia praticar a escravidão no Brasil). O "Santa Barbara Circuit", por ele estabelecido, realizava todas as suas atividades em inglês. Mas, apesar do seu inadequado manejo do português, Newman apelou repetidas vezes para que a Junta Missionária mandasse missionários para trabalhar entre os legítimos brasileiros. Foi para realizar tal trabalho que veio John James Ransom, em 1876. Claro que a vinda de Ransom não resultou no imediato abandono do trabalho no idioma inglês. As atas de 1889, a Conferência Anual realizada no Rio de Janeiro a menos de dois meses antes da proclamação da República, acusam uma "Missão Inglesa" no Rio de Janeiro, sob os cuidados pastorais de J.S. Mattison, e a continuação da "Missão Santa Bárbara" (sem indicar que esta era também uma "missão inglesa") (8).

O Brasil do século XIX, devido à política dos dois Imperadores Pedro, atraíra muitos imigrantes, notadamente grandes levas de alemães e italianos. Esses imigrantes, longe de família e pátria, as antigas raízes familiares, sociais e religiosas cortadas, e carentes emocional, financeira e socialmente – tanto mereciam as atenções especiais da missão metodista como, não raro, se sentiam atraídos ao metodismo. No Rio Grande do Sul, o trabalho entre os imigrantes de origem italiana e alemã era especialmente significativo. Quando da adesão do metodismo riograndense à Imes, havia igrejas organizadas apenas em Porto Alegre, Forqueta, Bento Gonçalves e Alfredo Chaves (9). Em 1903, o Presbítero Presidente Michael Dickie se queixou que a grande fraqueza da obra metodista Riograndense era de que se compunha principalmente de alemães e italianos. "O elemento puramente nacional era muito pouco atingido". O jovem pregador local João Ruiz pregava em português em Bento Gonçalves e Forqueta, sendo a congregação principalmente composta de italianos (10).

Já em 1906, o Rev. Matteo Donatti, pastor do Circuito Colonial, se oferecia para preparar quatro ou cinco jovens italianos

(8) AR, 1890, pág. 49. No AR de 1889, o Bispo J.C. Granbery se referiu à nomeação de Michael Dickie e Santa Bárbara: "Pode assim usar seu próprio idioma (o inglês) enquanto adquire um outro". Pág. 76.

(9) AR, 1901, pág. 68.

(10) AR, 1903, pág. 80, 81. Presbítero Presidente, geralmente abreviado P.P., é o atual Superintendente Distrital. Dickie é geralmente conhecido no Brasil como Miguel Dickie. Ele já trabalhara com italianos em São Paulo, onde organizou uma congregação no Brás, tendo um "exortador" italiano como pregador. Além de pregação, duas vezes por semana, e Escola Dominical, Dickie organizou uma escola para vinte crianças italianas, que funcionava quatro noites por semana. O próprio Dickie se esforçou por aprender o italiano, conforme AR, 1898, pág. 67.

para o ministério (11). Que o apelo do Presbítero Presidente E.E. Joiner simbolize a penetração metodista no meio alemão: "Ó, como precisamos de pregadores alemães!" (12). Especialmente no Rio Grande do Sul, há ainda traços destas origens estrangeiras mas, em geral, a grande maioria do trabalho metodista se processa com a população brasileira ou de fala portuguesa. Mas o trabalho com imigrantes, embora importante, nunca foi considerado como prioritário ou precípuo; estas categorias eram reservadas para o trabalho com os "nativos", e era realizada no idioma português.

Se o trabalho principal se realizou na população "nativa" de fala portuguesa, também não resta muita dúvida de que a porção da população atingida e servida pelos metodistas era porção pobre. Este fato era enfatizado com muita freqüência e, não raro, com um moral não muito sutil, como no seguinte relato: "Um cálculo mostra que os 373 metodistas do Brasil, cuja maioria é extremamente pobre, contribuíram... uma média de \$ 7.48 por cápita. Há poucas paróquias da IMES que fazem tão bem" (13). Isto é, os metodistas eram pobres mas generosos nas suas contribuições à igreja. (Uma das teclas mais constantemente tocadas era a do sustento próprio, ideal ainda longe de ser realizado quando da Autonomia, em 1930).

As estatísticas pouco ajudam para determinar com exatidão a composição das igrejas metodistas da época, pois não acusam as porcentagens por idade, sexo ou profissão. Que havia atividades específicas para diversos grupos fica claro pelas estatísticas das sociedades para Senhoras (como a "Ajuda Feminina"), para jovens (a "Liga Epworth"), etc., mas não há meio de determinar porcentagens. Iguamente desconhecidas ficam as profissões ou os empregos dos membros de ambos os sexos, a não ser por menções ocasionais que fornecem pistas, mas não permitem cálculos percentuais. Os exemplos mencionados abaixo constituem uma tentativa de surpreender os metodistas nas suas diversas atividades econômicas e sociais.

Os metodistas não realizaram nenhum trabalho entre os escravos pretos; deveras, o único trabalho evangélico do gênero que se conhece foi uma tentativa po C.A. Bowen, missionário batista que trabalhara com os loruba na África e que tentou trabalho entre escravos da mesma fala nas redondezas do Rio de Janeiro (c. 1860).

(11) AR, 1906, pág. 69.

(12) AR, 1909, pág. 85. Outro trabalho significativo entre alemães foi o de Juiz de Fora - veja nota 144.

(13) AR, 1890, pág. 48.

Suspeitado de motivos abolicionistas, foi preso e logo voltou para os Estados Unidos (14).

Mas se não houve nenhum trabalho metodista entre os escravos e, depois da emancipação, nenhuma missão específica aos pretos, há evidência de um significativo peso de pretos nas congregações metodistas, o que sugere uma ligação estreita entre cor e pobreza. Em Cruz Alta, RS., o pastor conta de um crente, "uma velha preta que ganhava seu pão cotidiano por lavar roupa, teve suas mãos tão feridas por um prefeito cruel... que foi incapacitada para a vida toda..." (15). A figura da lavadeira devia ser comum entre as metodistas. Uma outra imagem, conhecidíssima aos metodistas de Juiz de Fora é a "Tia Mariana", fiel metodista preta que ganhava sua vida como catadora de papel. Não é comum, mas há evidência incontestada de pelo menos uma congregação metodista, com sua capela própria, de pretos (16).

As estatísticas são imprecisas e os nomes das paróquias ou "circuitos" facilmente despistam. O nome do circuito geralmente é de uma cidade, quando, na realidade, era comum que grande parte dos membros morava na zona rural. O Presbítero Presidente escreveu sobre o trabalho metodista em Capivari, SP., assim: "Sempre insisti com os obreiros na necessidade de enfatizar o trabalho nas partes rurais, pois são de longe as mais prometedoras. O povo da cidade é tão indiferente" (17). O trabalho metodista de Minas Gerais era essencialmente rural. Eis uma descrição do início do século:

Embora sejam pequenas as cidades, o nosso trabalho mais promissor está entre o povo da zona rural. São mais livres de influências sociais e sacerdotais, mais independentes em todo o sentido, e menos sujeitos aos divertimentos que corrompem e às distrações da vida urbana. Nossas paróquias, portanto, todas são circuitos, com a maioria dos pontos de pregação em plena zona rural. Estes fatos dão a promessa de um grande futuro para a Igreja Metodista, em Minas (18).

(14) J. Reis Pereira, *Breve História dos Batistas*, (Casa Publicadora Batista, Rio de Janeiro, 1972) – pág. 93.

(15) AR, 1924, pág. 143. O debate hodierno se a mulher evangélica devia ficar em casa para cuidar dos filhos ou trabalhar fora é assunto da classe média. A mulher metodista pobre dificilmente tem tal opção, pois a imperiosa necessidade de sobrevivência exige seu trabalho fora de casa.

(16) AR, 1924, pág. 144. Cuiosamente, esta congregação de pretos com sua capela própria, ocorreu em Cruz Alta, RS.

(17) AR, 1898, pág. 66.

(18) *Ibid.*, pág. 68.

Obviamente, os metodistas acima descritos são trabalhadores rurais, onde mulheres metodistas trabalhavam ombro a ombro com seus maridos, e onde jovens e menores também pegavam na enxada.

De quando em vez, surgia um fazendeiro ou uma fazendeira que abraçava a fé evangélica. Um exemplo marcante disso é o do Sr. Antônio Cabral de Oliveira e sua esposa D. Placidina, cuja fazenda fazia parte do circuito metodista de São Sebastião da Estrela, (MG). O Presbítero Presidente realizou uma Conferência Trimestral nesta fazenda e, no dia seguinte, substituiu a Escola Dominical por uma reunião de testemunhos, atividade típica dos metodistas de então. Nessa reunião, a fazendeira usou da palavra.

As sinceras palavras da D. Placidina, esposa do Sr. Cabral, fizeram uma profundíssima impressão em todos os ouvintes... A reunião de testemunhos tomou conta de tudo e todos... Alguns publicamente se renderam a Jesus. À noite seis foram batizados e fizeram pública profissão de fé (19).

Há pelo menos duas congregações metodistas urbanas com características bem definidas, determinadas pelo bairro onde surgiram. A primeira é a do Jardim Botânico, no Rio de Janeiro, área de indústria têxtil. No meio dos operários, nasceu uma igreja metodista, descrita como "pobre mas leal". A sua sociedade feminina, chamada de Sociedade Feminina de Ajuda era "composta principalmente de esposas e filhas de operários" (20). No local, a Igreja mantinha uma escola paroquial para ensinar às crianças dos operários as primeiras letras. A outra congregação, mais distinta ainda, é a Igreja do bairro militar de Belo Horizonte. Esta congregação funcionou por um bom número de anos sem propriedade própria, reunindo "em uma casa pouco melhor que um casebre". Mas, no primeiro ano da sua existência como uma paróquia, alguns soldados metodistas do quartel foram destacados para serviço em Uberaba, onde "ressuscitaram nosso trabalho, que tinha estado decadente por anos".(21) No ano seguinte, o soldado em cuja casa se reunia a congregação, colocou vidro nas janelas, um piso de madeira e revestiu o

(19) AR, 1898, pág. 68. Outro exemplo: Em uma fazenda perto de Itapeverica da Serra, SP., existia "uma igrejazinha bem bonita construída por uma das bondosas irmãs na fazenda pertencente à sua família" (AR, 1910, pág. 116).

(20) AR, 1904, pág. 64.

(21) AR, 1910, pág. 113. Na mesma página, o Presbítero Presidente, George D. Parker, escreveu: "Um outro oficial cristão, destacado para dever especial num ponto avançado, preveniu uma séria perseguição dos protestantes; daí a necessidade de manter este trabalho entre uma classe que pode nos ser de serviço incalculável na propagação do Evangelho".

exterior.(22) Anos depois, a despeito de apelos à Junta de Missões para uma modesta verba, a situação física continuava.

A congregação da Igreja do Quartel se compõe quase inteiramente de soldados e suas famílias. Fazem seu culto em acomodações mui humildes, enchem a pequena sala a quase todo o culto, e fazem uma obra benéfica entre a classe militar (23).

Enquanto o metodismo fazia sua penetração no meio dos pobres, os quais constituíam a grande massa da população brasileira, ele percebia claramente que havia outras classes que deveriam se atingidas, as classes dominantes ou dirigentes, os ricos, os intelectuais.

Estas classes eram muito suscetíveis às influências intelectuais oriundas da França desde o iluminismo do tipo da Revolução Francesa, o deísmo, o livre-pensamento, a Maçonaria do Grande Oriente (24) e, finalmente, a filosofia positivista de Auguste Comte (1798-1857), que nutria o republicanismo no Brasil. Na medida em que estas idéias floresciam entre os intelectuais, o seu catolicismo definhava. É notório o anticlericalismo, ou pelo menos a indiferença religiosa do intelectual brasileiro da época em pauta. A rejeição do mundo moderno pela Igreja simbolizada no Silabo do Papa Pio IX (1864) de fato tornava a participação da Igreja Católica muito incômoda para um homem aberto às novas idéias.

Logo tornou-se evidente aos dirigentes metodistas a dificuldade de sua penetração nas classes altas, pelos meios convencionais. O ponto de contato poderia ser a educação, uma educação para ambos os sexos, de qualidade superior e baseada em modernas técnicas. Mesmo se não ocorressem muitas conversões, deveria haver a possibilidade de ensinar os aspectos universais do cristianismo e incutir um alto padrão ético nos alunos, fazendo com que estes futuros dirigentes do país pensassem e agissem de modo cristão. Sempre havia a esperança, porém, que por preceito e exemplo, os mestres protestantes conseguissem converter ao pro-

(22) AR, 1911, pág. 121.

(23) AR, 1915, pág. 183. J. L. Kennedy, em *50 Anos do Methodismo no Brasil*, (SP., Imprensa Metodista, 1928), pág. 157, informa que o templo foi inaugurado em Novembro de 1918. O ex-padre Hipólito de Oliveira Campos fez uma campanha evangelística, nas Igrejas Metodista Central e "Militares" em 1925 (AR, 1925, pág. 130).

(24) Todos esses fatores são aspectos do Iluminismo, sistema implacavelmente oposto ao Catolicismo Romano e, por sua vez, combatido pela Igreja Católica. Basta lembrar que a expulsão dos Jesuítas do território Brasileiro, em 1759, foi obra de Pombal, e a supressão da Ordem dos Jesuítas resultou de pressões dos "déspotas iluministas".

estantismo os seus discípulos. Esse pensamento foi sucintamente formulado por J.W. Tarboux, Presidente do Granbery, o qual descreveu o trabalho do educandário em termos de "plasmando virilidade cristã" como um fator na edificação de uma "república Cristã Sob o Cruzeiro do Sul". Ele cria que "através desta escola, adequadamente provida de pessoal e desenvolvida, poderemos tocar e influir a vida e movimento intelectual-espiritual de todo o Brasil". (AR, 1910, pág. 111).

A primeira tentativa metodista na educação se deu em Piracicaba. Primeiro, quando Rev. Junius Eastham Newman mudou-se de Santa Bárbara para Piracicaba, suas filhas Mary e Ann estabeleceram uma escola conhecida por "Colégio Newman", o qual durou pouco, porém, por causa do casamento de Ann com o missionário Ransom. Em 13 de setembro de 1881, a missionária Mattie Watts fundou uma escola em Piracicaba, onde durante três meses, estudou apenas a aluna Maria Escobar! Com o passar do tempo, porém, começaram a afluir alunos de ambos os sexos, das melhores famílias de Piracicaba. Isto se deveu, em parte, à influência e amizade dos irmãos Prudente e Manoel de Moraes Barros, os quais ajudaram Miss Watts a comprar o lote onde se construiu o primeiro edifício próprio de educandário (25).

O Piracicabano foi apenas o primeiro educandário metodista – levantaram-se em uma rápida sucessão o Granbery, de Juiz de Fora, o Isabela Hendrix, de Belo Horizonte, o Bennett, do Rio de Janeiro, o Colégio Americano e o IPA, de Porto Alegre, o Centenário, de Santa Maria, RS., e o Instituto Americano, de Lins, para enumerar apenas alguns dos mais conhecidos.

Estes colégios grangearam um grande número de amigos, protetores e admiradores, e contribuíram não pouco à educação da elite brasileira. A admiração dos intelectuais brasileiros pode ser sucintamente representada por acontecimentos nas formaturas em dois educandários metodistas, em 1926. Nesse ano, a oração oficial da formatura do Piracicabano foi dada por "Coelho Netto, o maior literário brasileiro vivo", enquanto em Juiz de Fora, "James Darcy, Presidente do Banco do Brasil" pronunciou a oração oficial de O Granbery (26).

Os colégios continuavam a serem apoiados por causa desse tipo de contato e aplaudidos quando conseguiam alguns conversos.

(25) Kennedy, op. cit., pág. 319. A propriedade comprada tinha sido uma praça de touradas. Sita à esquina das Ruas Boa Morte e Boa Esperança, é o mesmo local do campus central da Universidade Metodista de Piracicaba, hoje.

(26) AR, 1926, pág. 106 e 109.

Para propiciar a conversão dos seus internos, os colégios geralmente exigiam que estes participassem da Escola Dominical, de cultos dominicais e devoções diárias, etc., e há pouca evidência de sério questionamento dessa prática (27).

3 – COMO CRESCIA O METODISMO

O metodismo Norteamericano, na época da sua chegada ao Brasil, representava a família evangélica mais numerosa dos Estados Unidos. No Sul, Metodistas e Batistas eram, de longe, os mais numerosos, seguidos pelos Presbiterianos (PCUS) e, depois, os Episcopais. O crescimento metodista na chamada "fronteira" tinha sido nada menos que fenomenal, o que parecia confirmar sua convicção de que Deus levantara os Metodistas para "reformatar o continente e espalhar a santidade bíblica por todo o país". É possível que esta mentalidade tenha sido um fator no fechamento da Missão Spaulding, em 1841, pois a falta de frutos visíveis do trabalho e o arrocho financeiro da Junta Missionária conspiraram para forçar o encerramento da primeira tentativa missionária metodista (1836-41). De qualquer modo, tem sido o costume dos metodistas publicar suas estatísticas religiosamente cada ano, sempre enfatizando o crescimento numérico de membros, alunos das escolas dominicais, de novos circuitos fundados e informações congêneres.

Como ocorria o crescimento metodista no Brasil? É evidente que durante uma grande parte do período em apreço, o crescimento dependia principalmente da conversão de católicos. Se era proselitismo, era proselitismo consciente, pois a Igreja Católica Romana era encarada como uma Igreja sem Bíblia, uma Igreja, portanto, que havia caído em idolatria (adoração da Virgem Maria, dos santos, de imagens) e que mantinha os seus membros em perigosos erros teológicos (crença no purgatório, transubstanciação, infalibilidade papal) e em ignorância tenebrosa. Típico de muitos pronunciamentos que pressupõe essa espécie de motivação missionária são:

Na verdade, o Romanismo está cercado de grandes trevas espirituais, e cabe aos cristãos evangélicos libertar, se possível, suas infelizes vítimas, e restaurar "a verdadeira luz que ilumina a todo o homem que vem ao mundo" (28).

(27) Convém ressaltar que, além dos educandários mencionados, havia dois que faziam parte de "igrejas institucionais" ou "centros sociais", a saber, a Igreja Institucional de Porto Alegre e o Instituto Central do Povo, cuja clientela era sempre gente pobre. O mesmo deve ser notado quanto às escolas paroquiais em geral, das quais havia, em 1927, aproximadamente 40, com 2000 alunos (AR, 1927, pág. 168).

(28) AR, 1882. pág. 57.

| Um outro testemunha que | a grande maioria – as massas – não possuem nenhuma idéia correta do Salvador, nem da salvação que ele nos oferece. A religião espiritual não tem lugar como uma parte necessária da sua doutrina e culto público, e o povo assiste às suas vãs e pomposas festas e procissões talvez muito mais como diversão do que por propósitos devocionais... Ampla informação já foi dada antes sobre a corrupção escandalosa da Igreja Papal nesse país, especialmente na vida particular do sacerdócio.(29)

Um dos métodos mais importantes usados foi a "protracted meeting", ou seja, uma série de reuniões evangelísticas que variam entre uma semana e um mês de duração (30). Pela frequência da menção deste método, parece que os missionários contavam com ele para o grosso da colheita evangelística do ano. Algumas citações típicas deixam claro esse fato, no começo e no fim do período em apreço. Em maio e junho de 1898, realizou-se em Juiz de Fora, uma "protracted meeting" que durou 30 dias, sendo que 21 pessoas "professaram religião e foram recebidas na Igreja." (31). Na mesma página do Annual Report citado acima, há referência a um "avivamento contínuo" pelo período de dois anos no Circuito de São Sebastião, MG., com 74 profissões de fé registradas em menos de um ano. "Nossas "protracted meetings" estão sendo realizadas agora, e boas notícias chegam de todos os lados" (32). "As campanhas evangelísticas do ano passado... trouxeram bênçãos ao nosso povo e novos membros às nossas igrejas." (33). "Uma campanha evangelística geral logo vai ser realizada, cobrindo todos os pontos do distrito." (34)

Na verdade, em teoria se não sempre na prática, todo o trabalho metodista visava resultados evangelísticos. Assim se aproveitavam as Conferências Distritais (hoje Concílios Distritais) e

(29) AR, 1885, pág. 91.

(30) Na primeira metade do século XIX os metodistas haviam empregado com grande sucesso o "camp meeting" (reunião de acampamento), em que o povo da fronteira vinha à distância, de carroça, e acampava por alguns dias ou até semanas, ouvindo pregação duas ou três vezes por dia. Os presbiterianos, que deram origem aos acampamentos, em geral os rejeitaram. Mas o célebre evangelista presbiteriano, Charles Grandison Finney (1792-1875) como que trouxe o acampamento para a cidade através das suas "novas medidas", especialmente a "protracted meeting", no dizer de Winthrop S. Hudson, em *Religion in America*, (New York, Scribner, segunda ed., 1973), pág. 144.

(31) AR, 1899, pág. 74.

(32) AR, 1924, pág. 138; é do Distrito de São Paulo.

(33) AR, 1924, pág. 114; do Dist. de Porto Alegre.

(34) AR, 1922, pág. 133; Dist. S. Maria, RS.

Anuais (hoje Concílios Regionais) para séries evangelísticas, não raro com apreciáveis resultados. Assim a Conferência Anual de julho de 1899, realizada em Petrópolis, RJ., precedida e seguida por pregações evangelísticas, resultou na "conversão de umas 13 almas, que solicitaram ser admitidas como membros da Igreja." (35).

Normalmente, o conteúdo da pregação nas "protracted meetings" não é revelado. Mas o anti-catolicismo que todas as Igrejas Evangélicas nutriam, provavelmente, foi uma tecla freqüentemente tocada. Entre os mais populares pregadores metodistas do período temos o ex-padre Hippolyto O. Campos, o qual trabalhou tanto como pastor de igreja local quanto como evangelista das Conferências Brasileira e do Centro. (36).

É difícil aquilatar acuradamente os efeitos da Escola Dominical na obra de evangelização metodista. Mas, como já era o caso nos Estados Unidos quando se estabeleceu a missão metodista no Brasil, parece certo que a Escola Dominical, como instrumento de edificação, crescia em importância. Dos fatos à disposição, é possível tirar-se algumas inferências. Das estatísticas citadas abaixo, parece razoável concluir que até mais ou menos 1920, a evangelização "direta" (como as "protracted meetings", evangelização individual, etc.) é a que produzia mais crescimento, mas entre 1920 e 1930, o crescimento era mais interno (da recepção de filhos dos membros) e da Escola Dominical.

Ano	Membros da Igreja	Pessoas Arroladas nas EE.DD.	Batismo Inf.	Batismo Adultos
1890	480	400	43	92
1900	2785	1849	535	429
1910	6208	4589	840	506
1920	10314	9586	922	1030
1930	15560	18092	1463	984

Estas estatísticas, extraídas dos *Annual Reports*, sempre se referem à situação do ano anterior.

Parece significativo que, na década em que o número de pessoas arroladas nas Escolas Dominicais ultrapassou o rol das Igrejas, nos *Relatórios Anuais*, há mais menção delas e mais análise das suas funções evangelísticas (37). Por exemplo, na visita que o

(35) AR, 1900, pág. 61; relatado por Bispo Eugene R. Hendrix, o qual presidira a sessão.

(36) Veja-se nota 40, para menção de debates públicos sobre o mesmo tema.

(37) O rol das Escolas Dominicais ultrapassou o das igrejas em 1928; AR, pág. 233.

Bispo Hoyt M. Dobbs fez à Conferência Anual do Sul, ele perguntou ao plenário, "Qual o elemento mais prometedor nas Igrejas?" A resposta unânime foi "A Escola Dominical." (38). J. W. Daniel escreveu em 1929 que "o trabalho de cultivo nas Escolas Dominicais" era um dos métodos de evangelização empregados. (39).

O metodismo não encontrou, no Brasil, o mesmo clima para crescimento que experimentara no Estados Unidos; não achou, por assim dizer, nenhum meio que equivalesse às reuniões de acampamento da fronteira norteamericana. Não acompanhou o crescimento numérico das denominações históricas como a presbiteriana e a batista, embora tenha-se mantido na frente dos Episcopais e ultrapassado os Congregacionais. E, comparado com os grupos pentecostais (especialmente a Assembléia de Deus e a Congregação Cristã do Brasil, as quais iniciaram suas atividades quase concomitantemente, c. 1910), o crescimento do metodismo tem sido deveras diminuto!

4 – OBREIROS E OBREIRAS

O Metodista tem uma curiosa mistura de clericalismo e laicismo no seu bojo, herança de Wesley e do metodismo norteamericano. As "eclesiolae in ecclesia" (classes, círculos, etc.), no nível local eram dirigidos por leigos, e pregação leiga era permitida. Mas se havia liderança leiga no nível local (inclusive a pregação leiga), as conferências, onde eram determinadas a política, doutrina e as grandes questões administrativas, estavam totalmente nas mãos dos bispos e dos intinerantes. Na época em que o metodismo veio para o Brasil, o ministério metodista local estava sendo encarado como uma série de degraus em direção ao ministério intinerante como exortador, pregador e, até certo ponto, até o líder de classe.

Especialmente a partir da vinda de Ransom, nasceu uma profunda preocupação com o despertar de vocações brasileiras, ou em aproveitar obreiros "nativos". Tanto a dificuldade de comunicar o Evangelho em idioma estranho quanto a necessidade de obreiros para a expansão da obra tornaram necessários tais esforços.(40). De fato, obreiros começaram a surgir, desde os

(38) AR, 1925, pág. 146.

(39) AR, 1929, pág. 232.

(40) Os esforços de J.J. Ransom em conseguir pregadores "nativos", embora antes de 1889, merecem ser contados. Ransom visitou o Rio Grande do Sul e Montevideo em 1877, conseguindo que João Corrêa, um brasileiro ligado à missão da IME em Montevideo, se transferisse para o IMES (03/09/1877), visando tornar-se obreiro desta. Corrêa assim se tornou

líderes naturais, sem qualquer credenciamento eclesiástico, até as diversas categorias do ministério local e itinerante. Muito mais do que às vezes se pensa, o crescimento da igreja dependia desta liderança carismática. Os seguintes exemplos bastam para ilustrar o ponto. O pastor de Piracicaba assim descreveu o trabalho de Rio das Pedras, perto de Piracicaba:

Um dos nossos membros, um humilde carpinteiro e um homem temente de Deus cuida do trabalho. Deveras, os 21 membros e o trabalho nesse ponto existem, debaixo de Deus, principalmente devido a seus esforços. Ele dirige cultos e uma Escola Dominical normalmente.(41).

Um funileiro iniciou o trabalho metodista de Estrada Nova, no Distrito Eclesiástico do Rio de Janeiro; dentro de quatro anos, já contava com 120 membros.

Embora haja apenas uma Escola Dominical, mesmo assim, na ausência do pastor, cultos são realizados pelos exortadores e líderes de classe; e reuniões para cântico, oração, leitura e estudo da Bíblia, são dirigidas pelos leigos em muitos lugares, especialmente aos domingos.(42).

Às vezes, em casos de emergência, os Presbíteros Presidentes mandavam leigos cuidar de circuitos *ad referendum* do preenchimento dos requisitos canônicos. Assim James Hamilton, encarregado do Distrito de Ribeirão Preto, SP., explicou que tinha que empregar "jovens que não eram sequer pregadores locais" para certos circuitos, avisando-os que teriam que prestar exames na

o primeiro brasileiro arrolado na IMES, e Ransom pretendia conceder-lhe licença de pregador local e, com a anuência da Junta Missionária, colocá-lo a cargo da obra metodista que se esboçava em São Pedro, RS. (AR, 1878, pág. 126-127). Por motivos não muito claros, Corrêa voltou à IME em Montevideo e só veio a trabalhar definitivamente no Brasil em 1885 (veja acima). Os primeiros brasileiros que Ransom recebeu na sua igreja no Rio de Janeiro foram o ex-padre Antonio Teixeira de Albuquerque e sua esposa, provavelmente em 09 de março de 1879 (Kennedy, op. cit., pág. 21). No domingo após sua recepção, o ex-padre pregou do púlpito metodista sobre Ex. 20.1-5 e, tudo indica, tomou parte nos debates públicos que Ransom promoveu na mesma igreja durante diversas quartas-feiras (AR, 1879, pág. 35). Os planos de Ransom usar o ex-padre como pregador metodista foram frustrados, quando este preferiu aderir aos batistas de Santa Bárbara, SP.

(41) AR, 1894, pág. 92.

(42) AR, 1904, pág. 66.

próxima Conferência Distrital para obterem licença de pregador local, ou não poderiam continuar à frente dos circuitos. (43).

Os primeiros obreiros oficiais geralmente passaram pelos seguintes estágios: serviço local como líder de classe ou colportor (44); depois exortador, pregador local e, finalmente admissão à conferência em experiência. Sendo aprovados nos seus anos de experiência e nos estudos exigidos (leituras de determinados livros, e exames prestados por ocasião da conferência), eram recebidos em plena conexão, sendo comumente ordenados diáconos e subseqüentemente, presbíteros.

Bem antes da organização da Conferência Anual (1886), havia um bom número de obreiros de várias categorias de serviço; nesse ano, a estatística oficial acusa seis pregadores locais e três exortadores, sendo que um desses últimos, Bernardo de Miranda, já constara das nomeações em 1885, o primeiro ano de publicação das mesmas. Além de Bernardo, seu irmão Ludgero de Miranda, Filipe Relave de Carvalho e Justiniano de Carvalho receberam nomeação episcopal em 1886.(45) Na Conferência Anual de 1887, todos estes, exceto Ludgero, foram admitidos à Conferência em experiência.(46) Finalmente, na Conferência Anual de Agosto de 1890, sob a presidência do Bispo J.C. Granbery, Ludgero, Bernardo, Filipe e Justiniano foram admitidos em plena conexão na conferência e ordenados diáconos. Na mesma ocasião, Bernardo foi "localizado", isto é, deixou a itinerância. A lista de nomeações acusa 10 nomes de missionários e 8 de brasileiros ou, imigrantes, portanto quase um equilíbrio entre americanos e "nativos"(47).

Não havia espaço, nas categorias tratadas acima, para obreiras, mas as havia, desde o início, em outras funções importantes. O trabalho feminino mais em evidência era o de mestra, trabalho que não será tratado em detalhe por falta de espaço.(48) Um serviço

(43) AR, 1905, pág. 68-69. É claro que os cultos dirigidos por leigos sem preparo para tanto, eram mui simples e liturgicamente pobres.

(44) Um exemplo disso é Hermann Gartner, luterano de origem, o qual uniu-se com a Igreja Metodista no Rio de Janeiro e, quando o Rev. Ransom resolveu abrir trabalho em Juiz de Fora, ele enviou Gartner e outros obreiros leigos como colportores e evangelistas. Gartner, sendo alemão, trabalhou principalmente entre os alemães de Juiz de Fora, organizando uma Escola Dominical, da qual nasceu a congregação da estação Mariano Procópio. Gartner chegou a ser admitido à conferência em experiência e, já em 1890, foi nomeado para o Circuito de Capivari, SP. (Kennedy, op. cit., pág. 36, 37, 45; AR 1891, pág. 91, 92).

(45) Kennedy, op. cit., pág. 39, 47; AR 1887, pág. 107.

(46) AR, 1888, pág. 96-97.

(47) AR, 1891, pág. 91, 92.

(48) Mesmo no período anterior à Proclamação da República, mulheres metodistas prestavam serviços valiosíssimos no setor educativo. Já foi mencionado o Colégio Newmen, onde

mui valioso, e freqüentemente ignorado, era o das mulheres da Bíblia. Pela evidência à mão, deduz-se que em todos os principais centros do trabalho metodista, as mulheres da Bíblia também atuavam. A primeira notícia vem de Porto Alegre, (RS), onde Rev. "Vollmer tem desenvolvido um grupo de líderes de classes e é ajudado por um grupo esplêndido de Mulheres da Bíblia que dão uma parte de cada dia à visitação e leitura da Bíblia."(49) Na mesma cidade, a Reitora do Colégio Americano relataria anos mais tarde, "Nossa mulher da Bíblia tem sido fiel na visitação e na distribuição de literatura cristã"(50) O *Annual Report* informa que em "Santa Maria, (RS), uma mulher da Bíblia está empregada".(51) Em determinado período, pelo menos, em conexão com o Instituto Central do Povo, no Rio de Janeiro, havia três mulheres da Bíblia. Em 1916, apesar delas dedicarem apenas uma parte do seu tempo ao mister, fizeram mais de mil visitas e distribuíram um grande número de porções bíblicas e folhetos.(52) Em São Paulo foi, no entanto, o lugar onde estas obreiras fizeram o trabalho mais impressionante e permanente. Em 1914, quatro mulheres da Bíblia realizaram 3.493 visitas, quase 2.500 com leituras da Bíblia e oração.(53)

5. A BUSCA PELA MATURIDADE

Em 1854, Henry Venn definiu missão como:

... a chamada à vida de igrejas auto-governadas, auto-suficientes, e auto-propagadoras da fé. E falou também da eutanásia da missão. Assim que esta fizesse surgir uma igreja numa dada área, devia desaparecer em seguida. Os

lecionaram as irmãs Ann e Mary Newman e o Colégio Piracicabano, fundado por Mattie Watts. Mary Newman também cooperou com Mattie Watts no Piracicabano, até que a doença forçou seu afastamento. Recuperada, voltou a Piracicaba onde trabalhou em uma escola paroquial. Leonov Smith, membro fundador da Igreja de Piracicaba, após estudos no Colégio Progresso, Rio de Janeiro, e Alabama College for Women, voltou ao Brasil para prestar muitos anos como missionária educadora. (Kennedy, op. cit., pág. 32). As esposas dos missionários, não suficientemente lembradas nos relatórios oficiais, eram obreiras eficazes. Por exemplo, a esposa de James W. Koger, pastor de Piracicaba, estabeleceu uma escola para crianças pobres na cidade, em 1883 (AR, 1884, pág. 85).

(49) AR, 1905, pág. 72.

(50) AR, 1919, pág. 135.

(51) pág. 125.

(52) AR, 1917, pág. 143.

(53) AR, 1915, pág. 190. O trabalho em São Paulo foi liderado por uma missionária, Amélia Ellerding, a qual trabalhou por uns sete anos, geralmente com a cooperação de quatro mulheres da Bíblia. Cada ano entre 1915 e 1922, menos 1919, há um relatório circunstanciado desse trabalho. Sofreu solução de continuidade com a volta da missionária para os Estados Unidos, mas foi retomado pelas próprias mulheres da Bíblia depois (AR, 1922, pág. 130).

missionários deviam dirigir-se para as regiões não evangelizadas e deixar que a Igreja que haviam trazido à existência realizasse, sob a inspiração do Espírito Santo, todas as funções de uma verdadeira Igreja.(54)

A primeira parte (igrejas auto-governadas, auto-suficientes e auto-propagadoras da fé) era ponto pacífico para a Junta Missionária Metodista, e aparentemente, também para os missionários. A segunda parte, sobre a "eutanasia da missão", não era tão pacificamente aceita como parte da filosofia missionária metodista. A estrutura que os missionários criaram não comportava a distinção missão/igreja, pois nunca houve delimitação de território entre missão e igreja, e a "missão" metodista como tal foi de mui breve duração. Quase desde o início, missionários e nacionais faziam parte da mesma Igreja e das mesmas conferências. Qualquer retirada dos missionários para as "regiões não evangelizadas" resultaria em uma ruptura na única estrutura existente, que era ao mesmo tempo missão e igreja. A falta de uma clara compreensão desta segunda parte da filosofia missionária de Venn certamente propiciou conflito entre missionários e nacionais, conflito este que cada parte, tentou esconder.

Na história do metodismo brasileiro, houve diversos períodos de ênfase especial sobre sustento próprio, um dos pilares da maturidade da jovem igreja. Seguem comentários contemporâneos da primeira fase da discussão, escolhidos para ilustrar o que foi uma preocupação desde o início da missão e para exemplificar as análises feitas na época.

Edmund A. Tilly, P.P., escreveu sobre o seu Distrito:

Em Minas /Gerais/ a idéia de sustento próprio está sendo enfatizada... /brevemente/ Minas pagará todas as despesas dos seus pregadores nativos.(55)

Um ano depois, Miguel Dickie escreveu sobre o sustento próprio e o progresso financeiro no distrito de São Paulo onde, quatro anos antes, 245 metodistas contribuíram apenas \$1,000; agora os 605 metodistas contribuíram \$5,399.(56) Foi na Conferência Anual de Julho de 1896, porém, que o metodismo brasileiro parecia disposto a aplicar, pelo menos parcialmente, a segunda fase da filosofia de Venn. Foi tomada a decisão de

(54) Stephen Neill, *Missões Cristãs* (Vol. VI da História da Igreja "Pelicano"), (Lisboa, Uissea, s/d), pág. 266. Venn era secretário da Sociedade Missionária da Igreja (CMS).

(55) AR, 1895, pág. 54, 55.

(56) AR, 1896, pág. 54

... entregar as paróquias organizadas aos irmãos nativos, enquanto os missionários fossem adiante para formar novas sociedades /o termo tradicional para igrejas locais/ e estender o trabalho. Deve haver, pelo presente, algumas exceções à regra, mas o princípio é aceito. Um de nossos pregadores nativos, Rev. Manoel de Camargo, foi escolhido para editar o órgão conferencial...

De acordo com a política acima anunciada, foi determinado estender nossos limites pela organização de dois novos distritos, perfazendo um total de cinco.

... os nacionais apresentaram um papel declarando seu consentimento unânime de receber certas paróquias na base de sustento-próprio, olhando só para os membros, para as contribuições necessárias para sustentá-los e as suas famílias ... Reconhecemos ... que aqueles que pregam o evangelho deveriam viver pelo evangelho, ... Também reconhecemos a urgência do caso, a vista de nossa condição financeira e as necessidades do campo.(57)

Esta decisão deveria ter iniciado no metodismo um movimento comparável ao que ocorreu em 1916 na Igreja Presbiteriana (o "Modus Vivendi" ou "Brazil Plan"). Mas o único resultado visível foi um sensível aumento nas contribuições para o sustento do ministério nacional.(58) Por quê? É provável que J. W. Wolling tenha analisado corretamente o acontecido. Ele diz que uns cinco ou seis pregadores nacionais propuseram servir determinadas paróquias, na base de sustento próprio.

Cinco paróquias foram assim supridas, e esta ação foi na realidade, sem que soubéssemos então, a solução de mais de uma questão que agitava a Missão Brasileira. Por alguns anos o espírito nacional, havia crescido entre nós, e numa forma que visava não apenas a uma direção de nossos afazeres eclesiais, mas também a separação, certamente em espírito e simpatia, senão a independência. Este próprio espírito, porém, levou os irmãos nacionais a pensar como

(57) AR, 1897, pág. 46. Curiosamente, Kennedy, op. cit., pág. 89, escrevendo de uma perspectiva de uns 30 anos, comenta laconicamente, "Também foi muito discutida a questão de "Sustento Próprio".

(58) O AR de 1898, pág. 63 registra: "No ano passado foi aproximadamente \$1,870 em dinheiro americano; este ano, \$3,425". Cf. AR, 1899, pág. 68, onde é declarado: "Sustento próprio está sendo enfatizado ao ponto de atingir quase todos os membros".

poderiam ser sustentados e a tomar a ação indicada, propondo o sustento próprio. Isso sendo livremente aceito tem conduzido a um grande desenvolvimento em nossas congregações nativas brasileiras, e ao mesmo tempo satisfeito os pastores nativos de uma parte mais ativa na direção dos assuntos da missão.(59)

Em outras palavras, a decisão com referência de sustento-próprio esvaziou o movimento de autonomia na época. Uma evidência de que isso realmente havia ocorrido é a declaração do Bispo Hendrix, sobre a Conferência Anual em Julho de 1899: "A ausência de qualquer demonstração daquilo que às vezes se chama de espírito "nacional", quando em nossos campos no estrangeiro os nativos se encontram de um lado e os missionários de outro, era muito notável".(60) Mas se o espírito "nacional" estivesse invisível em 1899, haveria de ressurgir fortemente na década dos vinte.

Auto-propagação pressupõe uma comunidade de fé que testemunha, liderada por um ministério devidamente preparado para a missão. Tradicionalmente, um metodista que se sentia movido pelo Espírito Santo para pregar deveria exibir "graça" (a experiência pessoal de perdão e salvação), "dons", (a capacidade de proclamar claramente o caminho da salvação) e "frutos" (pessoas despertadas e/ou convertidas por intermédio do candidato). Seu treinamento inicial geralmente era como líder de classe, a célula da igreja local. Se demonstrasse capacidade, poderia ser recomendado pela conferência trimensal como exortador ou pregador local. Para este último, a **Disciplina** preceituava um curso de estudos e leituras, sobre que teria que prestar exame. No período em apreço, também um curso teológico em um seminário era considerado parte normal do treinamento completo.(61) Portanto, em 1890, o mesmo ano em que os primeiros brasileiros foram admitidos à Conferência em plena conexão, J.W. Tarboux foi nomeado Professor de Bíblia em Juiz de Fora (no Granbery) além de P.P. do Distrito do Rio de Janeiro. O nome de Tarboux está associado ao do Granbery por quase três décadas, como reitor e professor do seminário, ou como presidente do próprio educandário. Durante todo este tempo, o Granbery era o único seminário metodista no Brasil.

(59) ER, 1901, pág. 64.

(60) AR, 1900, pág. 61.

(61) Desde a vinda de John James Ransom, em 1876, era comum os missionários terem estudado teologia na Universidade Vanderbilt, em Nashville, Tennessee, cuja Faculdade de Teologia era a única da IMES. Emory, Duke, e Southern Methodist só criariam seus seminários mais ou menos na época da I Guerra Mundial.

Na década dos vinte, porém, cada uma das Conferências Anuais (Norte, Centro, Sul) aspirava preparar seus próprios candidatos ao ministério. Mesmo assim, o Granbery, localizado na Conferência "do Norte" continuaria a ser o principal centro de ensino teológico, sendo seus principais dirigentes os missionários J. L. Becker (até 1922) e Jalmar Bowden (até 1928). O Reverendo Derly de Azevedo Chaves, gaúcho, estudara teologia na Emory University, Atlanta, Georgia, durante 1926-28; de volta ao Brasil, assumiu a direção do Seminário Granbery.(62)

As aspirações do Rio Grande do Sul quanto à educação teológica seriam realizadas com a criação de Porto Alegre College (mais conhecido por "IPA"), o qual começou a funcionar em 1923 sob a presidência de John R. Saunders, sendo nomeados professores J. E. Moreland e J. M. Terjell. Este último foi nomeado Diretor da Escola Bíblica no ano seguinte, cargo que ocupou com distinção até sua nomeação para o Seminário Unido, instituição ecumênica na qual os metodistas cooperavam, no Rio de Janeiro. Os aspirantes gaúchos, via de regra, cursavam o ginásio no Colégio União, Uruguaiana, antes de se matricular no Seminário em Porto Alegre.(63)

A Conferência do Centro também quis o seu colégio e seminário, pedindo-os formalmente à Junta Missionária em 1920; a Junta respondeu positivamente, chegando a criar o Instituto Moore, em Campinas, e a mandar um exímio educador, Alan K. Manchester, para instalar o educandário. A tentativa não deu o fruto esperado; mais tarde o Instituto Americano de Lins preencheria a lacuna quanto a colégio e sementeira de aspirantes, mas estes completariam o seu preparo no Granbery.(64)

(62) O apoio dado pela Igreja ao Seminário de Granbery pode ser aquilatado pelo fato que, em 1930, cinco ministros foram nomeados como professores da instituição, três deles de tempo integral: Derly A. Chaves (Reitor), W. H. Moore, Jalmar Bowden, W. W. Carr, César Dacorso Filho (AR, 1930, pág. 257). O Granbery continuaria a preparar jovens para o ministério ininterruptamente até a decisão do Concílio Geral (1938) de centralizar a educação teológica em uma só Faculdade de Teologia, a que existe atualmente em Rudge Ramos, S. B. do Campo, SP. A Escola Bíblica em Porto Alegre também seria absorvida pela mesma Faculdade.

(63) A informação do parágrafo foi tirada de AR, 1922, pág. 134; AR, 1923, pág. 138; Kennedy, op. cit., pág. 252; AR 1924, pág. 146; AR, 1927, pág. 180. Quanto aos aspirantes no Colégio União, veja-se AR, 1920, pág. 145 ("esta escola será uma valiosa fornecedora à escola a ser estabelecida pelo Centenário em Porto Alegre"); AR 1921, pág. 124 (que menciona 5 candidatos ministeriais) e AR, 1924, pág. 145 (que fala do trabalho evangelístico prestado pelos candidatos).

(64) Kennedy, op. cit., pág. 282. 291. Manchester iogo se transferiu para Rio Grande do Sul, onde deu eficiente colaboração no Porto Alegre College, inclusive como presidente (AR, 1926, pág. 124).

Havia outros fatores importantes nesta busca pela maturidade.(65) O mais agudo, talvez, foi a necessidade de uma administração episcopal *in loco*. Esta necessidade, já percebida em 1909, tornou-se aguda durante a I Guerra Mundial, quando em 1916 e 1917, a vinda do Bispo dos Estados Unidos foi impossível. Em 1916, a conferência solicitou que o Bispo designado para o Brasil passasse pelo menos seis meses por ano no país. Quando o Bispo John M. Moore veio em 1918, ele declarou sua intenção de atender ao pedido feito.(66) A ausência do bispo resultava em uma administração ineficiente, praticamente entregue aos P.P. (os quais, mesmo em 1930, eram nove missionários e apenas cinco nacionais). Um bispo norteamericano, não residente no Brasil, tinha que conduzir as próprias conferências por intérpretes e contatos com obreiros nacionais tinham que ser feito por meio de intérpretes também, frustrando a privacidade que deveria prevalecer em tais contatos. Daí a insistência em um bispo residente (não necessariamente um bispo brasileiro).

A evolução do trabalho no Brasil havia resultado na organização sucessiva de três conferências anuais, a saber a Brasileira (1886, chamada "do Norte"), a Sul Brasileira (1910) e a Central Brasileira (1919). Mas administrativamente, cada qual respondia à IMES nos Estados Unidos. Faltava uma organização nacional, brasileira, que lhes desse coesão e unidade, uma estrutura que abrangesse as três, como uma Igreja autônoma.

Um outro problema grave foi que a *Disciplina* (hoje chamada *Cânones*) era feita pela Conferência Geral nos Estados Unidos e visava a Igreja americana; naturalmente, não se adaptava bem às condições brasileiras. Urgia uma *Disciplina* brasileira, não meramente traduzida, mas cuja legislação atendesse à realidade brasileira.

Não insensível, a IMES percebia que o Brasil possuía um ministério crescentemente preparado e capaz, um povo que assumia progressivamente suas obrigações financeiras. Reconheciam como legítimas as aspirações por um bispo residente, uma *Disciplina* adequada às necessidades do país e uma organização abrangente e unificadora. A resposta oferecida foi a Conferência Central, a qual atenderia a estas aspirações, e esta Conferência realizou duas sessões, em 1927 e 1929.

A igreja brasileira aceitou o conceito da Conferência Central, mas a Conferência Geral da IMES repudiou a idéia, optando pelo

(65) Para uma discussão da questão, veja Isnard Rocha, *História da História do Metodismo no Brasil*, São Paulo, Imprensa Metodista.

(66) Kennedy, *op. cit.*, pág. 138, 154, 156.

plano de Igrejas Autônomas Associadas, das quais três vieram a existir em 1930: A Igreja Metodista do Brasil e as do México e da Coréia.

Resta acrescentar um ponto, que merece uma longa discussão: Quando, em 02 de setembro de 1930, a Igreja Metodista do Brasil proclamou a sua autonomia, ela elegeu um bispo. Mas a escolha de J.W. Tarboux, missionário já aposentado, simbolizou o desejo de manter relações estreitas com a chamada "Igreja Mãe", relações estas que incluíram a continuação da vinda de missionários e mesmo de recursos, mas de acordo com as conveniências e necessidades da Igreja Metodista do Brasil.